

O PEDAGOGO EM SEUS PROCESSOS FORMATIVOS: ANÁLISE DA TEORIA E PRÁTICA

THE PEDAGOGUE IN THEIR TRAINING PROCESSES: THE ANALYSIS OF THEORY AND PRACTICE

Jonathan Machado Domingues¹

Danielle Batista Cardoso²

Submetido em 15-08-2019

Aprovado em 22-11-2019

Revista Saberes e Sabores Educacionais

Revista do Curso de Pedagogia

Uceff – Campus Itapiranga

Vol. 6, 2019

ISSN 2359-263x

¹ Graduando de Pedagogia pela UERJ. Email: jonathandomingues18@gmail.com

² Mestranda em Educação pela USP. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Mato Grosso. Email: danielle.snp@hotmail.com

Resumo: Este trabalho discorre sobre a experiência de um estágio realizado na EJA, num estágio do Curso de Pedagogia, do Campus Universitário de Sinop- MT. A intervenção pedagógica realizada em sala de aula com os alunos resultou em uma aprendizagem mutua por parte do educador em formação e do educando envolvido no processo. Do campo empírico, objetivou-se potencializar a aprendizagem da escrita e da leitura, trabalhando de forma interdisciplinar. Evidenciou nesse processo a importância do diálogo entre professor e aluno, possibilitando estabelecer relações interpessoais. Elencou-se também a compreensão da linguagem matemática, o desenvolvimento da oralidade, raciocínio lógico, que mediou à construção de novos saberes, tendo por base os conhecimentos obtidos pelos alunos em seu cotidiano. Por meio de atividades planejadas juntamente com a professora regente e os demais colegas envolvidos no estágio, trabalharam-se as práticas e saberes, referente aos conteúdos, do primeiro e segundo ano do ensino fundamental. Nesse contexto o cerne da prática pedagógica, foi orientado pelo ensino, por meio de práticas, no âmbito da sala de aula, pois foram realizadas atividades empíricas, promovendo uma interação de forma satisfatória. No contexto do processo ensino\aprendizagem, mediado e construído com os alunos, a capacidade da produção crítica-reflexiva, a partir de suas leituras. De forma concomitante elenca-se o conhecimento imaginativo e criativo dos alunos. Durante a realização do estágio procuramos sensibilizar os alunos pelo gosto pela leitura, para que eles ampliem o seu conhecimento de mundo. Os pressupostos metodológicos que orientaram a prática docente produziram novas experiências e vivências no contexto escolar, no qual possibilitou ao educador em formação e a professora regente de sala compartilhar e construir novos conhecimentos. A relação concreta que ocorre na aprendizagem produz novos saberes aos sujeitos envolvidos nas atividades. Sendo assim os mesmos, estabeleceram relações entre o conhecimento obtido e suas práticas de vida. Embora o estágio seja realizado em pouco tempo, impossibilitando vivenciar a escola em sua totalidade cotidiana, ele foi uma etapa importante por poder compreender e apreender a relação teórica e prática por meio do diálogo. Temos necessidade de empreender ações capazes de, nas brechas da formalidade de uma escola tecnicista e opressora, promover o tempo e o espaço como qualificação da vida e da dignificação dela. A escola é mais do que uma instituição de ensino, ela veicula sínteses históricas necessárias, necessitando irromper um novo sujeito da educação. O que constitui a práxis educativa neste processo é a capacidade de refletirmos uma ação transformadora, visando um ensino com caráter qualitativo.

Palavras-chave: EJA; Leitura e Práxis Educativa.

Abstract: This paper discusses the experience of an internship at the EJA, at a stage of the Pedagogy Course, at the Sinop-MT University Campus. The pedagogical intervention carried out in the classroom with the students resulted in a mutual learning on the part of the educator in formation and of the student involved in the process. From the empirical field, the objective was to enhance the learning of writing and reading, working in an interdisciplinary way. He demonstrated in this process the importance of the dialogue between teacher and student, making it possible to establish interpersonal relationships. Also included was the understanding of mathematical language, the development of orality, logical reasoning, which mediated the construction of new knowledge, based on the knowledge obtained by students in their daily lives. Through activities planned together

with the teacher regent and the other colleagues involved in the internship, the practices and knowledge, related to the contents, of the first and second year of elementary school were worked. In this context the core of pedagogical practice was guided by teaching, through practices, within the classroom, because empirical activities were carried out, promoting a satisfactory interaction. In the context of the teaching / learning process, mediated and constructed with students, the capacity of critical-reflective production, from their readings. Concomitantly, students' imaginative and creative knowledge is elaborated. During the course of the internship we try to sensitize students to their liking for reading, so that they can broaden their knowledge of the world. The methodological assumptions that guided the teaching practice produced new experiences and experiences in the school context, in which it enabled the educator in training and the classroom teacher to share and build new knowledge. The concrete relation that occurs in the learning produces new knowledge to the subjects involved in the activities. Being thus the same, they established relations between the obtained knowledge and their practices of life. Although the internship is accomplished in a short time, making it impossible to experience the school in its daily totality, it was an important step in understanding and apprehending the theoretical and practical relationship through dialogue. We need to take actions capable of promoting, in the breaches of the formality of a technicist and oppressive school, to promote time and space as qualification of life and dignification of it. The school is more than an educational institution, it conveys necessary historical syntheses, needing to break up a new subject of education. What constitutes the educational praxis in this process is the capacity to reflect a transformative action, aiming at teaching with a qualitative character.

Keywords: EJA; Reading and Educational Praxis.

Introdução

Este artigo é um relato de experiência, realizado durante o processo de formação, da minha constituição enquanto pedagoga. O relato de experiência é fundamentado por diversos teóricos, inclusive os estudados na disciplina de: Letramento e Formação de Professores: Uma abordagem discursiva da pós-graduação da Universidade do Estado de São Paulo – Ribeirão Preto.

Nesta perspectiva o texto apresenta relatos de resultados da prática docente, que tem por origem o estágio desenvolvido em uma turma de primeiro e segundo ano do ensino fundamental da EJA. Os objetivos formativos e conceituais durante o desenvolvimento do estágio, consistiu em atividades facilitadoras da aprendizagem entre os alunos, no que diz respeito ao processo de alfabetização e letramento, possibilitando conhecer, compreender diferentes textos e práticas de leituras; oportunizando reflexões, correlacionando o conhecimento escolar e conhecimento cotidiano.

No contexto da sociedade contemporânea, um novo paradigma da ação pedagógica permeia a prática docente: o mediador das condições da aprendizagem. Nesse sentido, será sempre importante a construção de relações pedagógicas, quantas práticas docentes dialogadas entre o saber empírico e as condições materiais, objetivas e subjetivas que se dão a aprendizagem. Nessa lógica, o pressuposto orientador do currículo na escola, compreende o conhecimento como processo de construção. A lógica da construção se constitui na materialização das condições de aprendizagem dos alunos, nas ações da política pública da educação e na prática docente como elemento constitutivo e de postura metodológica. Assim, a compreensão que o conhecimento se dá na relação da construção, é imprescindível para que as práticas possam ser orientadas por metodologias que potencializem essa relação.

Da escolha metodológica, cabe de forma pontual explicar a opção metodológica, diante dos pressupostos que ancoram a relação da construção do conhecimento. O desenvolvimento das atividades realizadas durante o estágio foi planejado juntamente com a professora regente, estabelecendo assim, uma relação de diálogo, para que a materialização do estágio fosse um processo de construção do conhecimento. Uma vez que a construção do conhecimento se dá de forma processual, negociado, planejada em conjunto entre professores e estagiários, como processo de aprendizagem. Todavia, essa passagem, consiste na apropriação e opção teórica que orientará as novas posturas para o processo de ensino e aprendizagem.

Pressupostos da prática docente

O Estágio realizado no EJA é uma das etapas exigidas durante o processo de formação. Esta etapa constitui o que chamamos de estágios curriculares, como possibilidade de vivenciar a prática docente.

Neste contexto a formação docente se constitui por meio de ações articuladas, condições teóricas e práticas que enriquecem o processo de construção de conhecimentos do futuro docente.

A formação de um profissional da educação está na incorporação da reflexão crítica sobre a prática no processo de formação, que requer uma constante busca do embasamento teórico em uma discussão entre educadores e educando, nas diferentes situações das experiências vivenciadas.

No processo de formação do profissional da educação é preciso que o educando assuma o exercício da autonomia como uma constante reflexão – ação – reflexão, onde “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo” (FREIRE, 2011, p. 24).

A relevância dos saberes produzidos neste processo de aprendizagem, é provocada pelos desafios encontrados nas práticas cotidianas, das diferentes experiências que vivenciadas durante o processo de formação vai além dos estágios curriculares, como possibilidade de formação holística.

Dentro deste contexto, compreende-se que para formar um profissional da educação não basta somente o ensino dos saberes técnicos funcionais, mas uma formação que venha a superar a dicotomia entre teoria e prática, o saber e o fazer, educar e ensinar, ou seja, uma correlação entre ensino e aprendizagem, sendo este um processo em que o educador educa o educando ao educar-se, tornando esta relação potencializadora da formação docente. Segundo Freire (2011, p. 26) “Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar de mãos dadas com a docência e a serenidade”.

Segundo Marques (1998) a profissão professor/educador realiza-se em dimensões diversas: a do trabalhador assalariado, a do intelectual orgânico no seio dos movimentos sociais, que se define a especificidade das práticas e do saber do educador, em sua responsabilidade de entender e conduzir os processos de educação.

O estágio no EJA foi a primeira experiência de sala de aula com adultos, cabendo a mim e aos colegas o ensino para adultos de diferentes idades. Foi uma experiência muito válida, enriquecedora em todos os aspectos.

Todos os momentos vivenciados durante o estágio foram de grande relevância, uma vez que configura um conjunto de práticas do professor para o aprendizado significativo do educando (adulto) em processo. Segundo Pinto (1909)

[...] o adulto é o homem na fase mais rica de sua existência, mais plena de possibilidades. Por isso, é o ser humano no qual melhor se verifica seu caráter de trabalhador.

[...] Os adultos, a quem cabe a direção da sociedade, exercem esta função como trabalho. É ação política (no sentido sociológico) porque, em última análise, determina o regime de trabalho geral e suas modificações. A influência sobre a superestrutura social (o direito, a legislação, as instituições) é apenas a modalidade de mediação pela qual a parte social dirigente configura e modifica o regime geral de trabalho.

Seguindo essa lógica, a escola em seu papel social, deve cumprir seu objetivo de desenvolver capacidade cognitiva e afetiva, formando cidadãos críticos capazes de pensar a realidade vivenciada.

Uma vez que sua situação de analfabeto ou de semianalfabeto não representa um obstáculo à consciência de seu papel (seu dever) social. A falta de educação formal não é sentida pelo trabalhador adulto como uma deficiência aniquiladora, quando a outra educação — a que é recebida por sua participação na realidade social, mediante o trabalho — proporciona os fundamentos para a participação política, a atuação do indivíduo em seu meio. (PINTO, 1909, p. 15)

A partir desse processo de construção do conhecimento, mediado pelo educador e veiculado pela unidade teoria e prática, há a centralidade de empreender o aluno como sujeito da ação, que pode intervir transformar, problematizar diante de uma realidade em constante transformação, enquanto um ser “inacabado”. Inclusive superando a postura de vitimização do processo sócio-histórico, na efervescência de uma postura de reconhecimento de que “educar é um ato político”: de uma “consciência da práxis educativa”. (FREIRE, 2001, p.25). É necessário refletir e abstrair o tempo e o espaço escolar, desafiando as naturalizações de uma realidade humana conflituosa e antagônica e de profunda desigualdade humana: econômica, social e cultural. Ações que possam produzir alternativas ao modelo impostos por uma sociedade organizada por classes sociais distintas, entre a minoria privilegiada e maioria explorada.

A educação do adulto não pode ser conseguida separada da educação da criança, porque o adulto não desejará se alfabetizar se não considera necessário saber ao menos tanto quanto seus filhos [...] O menosprezo pela educação dos adultos, a atitude de condená-los definitivamente ao analfabetismo (de parte de sua profunda imoralidade) incide no erro sociológico de supor que o adulto culpado de sua própria ignorância. Não reconhece que o adulto não é voluntariamente analfabeto, não se faz analfabeto, senão que é feito como tal pela sociedade, com fundamento nas condições, de sua existência. A educação de adultos não é uma parte complementar, extraordinária do esforço que a sociedade aplica em educação (supondo-se que o dever próprio da sociedade é educar a infância). parte integrante desse esforço, parte essencial, que tem obrigatoriamente que ser executada paralelamente com a outra, pois do contrário esta última não terá o rendimento que dela se espera. Não é um esforço marginal, residual, de educação, mas um setor necessário do desempenho pedagógico geral, ao qual a comunidade se deve lançar. (PINTO, 1909, p.16)

A educação dos adultos é, assim, uma condição necessária para o avanço do processo educacional nas gerações infantis e juvenis, oportunizando ao aluno a consciência crítica de si e do mundo.

As múltiplas relações de aprendizagem produzidas no processo formativo, na realização do estágio curricular supervisionado no EJA

Ao longo do processo formativo, sendo o último estágio curricular da graduação a ser realizada, foi possível compreender a semelhança e as diferenças do EJA com a educação fundamental. Nesse estágio, assim como os realizados anteriormente, evidenciou-se a importância do diálogo entre professor aluno em todos os segmentos da educação. É nesta dimensão do diálogo que me encontrei como educadora e compreendi o papel do educador, a prática docente no chão da escola, vai além do que ensinar é compreender o aluno em sua historicidade, se colocar no lugar do outro a todo o momento, para compreender que você pode possibilitar uma mudança.

Desta experiência destaco a minha relação de diálogo com todos alunos, que foi extremamente importante, pois nessa relação que se construiu tive segurança ao ajudar o aluno a compreender as atividades propostas, ao mesmo tempo em que eles também se aproximaram mais de mim, enquanto educadora. Não há como não situar a materialidade do diálogo, como caminho fundante da teoria e da prática: “O diálogo é o encontro no qual

a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar.” (FREIRE, 1997, p. 83).

Destaco a aprendizagem que tive com uma aluna em especial, durante a realização do estágio no EJA e afirmo o que diz Freire, pois na medida em que educo aprendo. Durante o processo de observações na turma do EJA noturno, percebi as relações estabelecidas entre professor – aluno, e especificamente uma aluna chamou atenção, por não ser alfabetizada, jovem, sendo a mais nova da turma.

Durante a realização de uma atividade na sala de informática, observei que a aluna apresentava dificuldades para digitar o texto que a professora tinha solicitado como atividade. Entretanto, ela disfarçadamente respondia conversas no WhatsApp, aquilo me provocou uma inquietação e não consegui me conter. Ao questionar a professora, como era possível a aluna conversar no WhatsApp e não dar conta de realizar a atividade, a professora respondeu com um argumento da vida pessoal da aluna, mas mesmo assim, a resposta para mim foi insuficiente, não justificava o que tinha visto.

Considerando esse aspecto, movida pela inquietude, procurei me aproximar da aluna, não podia fazer uma abordagem direta, o que me possibilitou desta forma, a estabelecer diálogos com outros alunos. Somente na segunda aula, consegui me aproximar da aluna e comecei a estabelecer um diálogo rápido. No decorrer da aula, durante o desenvolvimento das atividades, sempre procurava estabelecer contato com ela.

Os demais colegas de estágio não compreendiam o motivo de eu querer estabelecer contato com os alunos. Desprovidos de saber e revestidos da ignorância acadêmica, diziam que era desnecessário e eu continuava afirmando que era necessário, lembrando das teorias estudadas dentro de sala de aula. Amadureci a ideia de trabalhar as relações interpessoais na turma ao longo da realização do meu estágio. Essa ideia possibilitou presenciar muita falta de tolerância com o próximo, dentro e fora da sala de aula, a insignificância em relação ao outro, atitudes de pouca amabilidade e escuta do próximo, predominando práticas com diálogo restrito.

Na tentativa de compreender o que se passava com a aluna, um determinado dia do estágio, em sua fala, a aluna me provocou a ter um olhar atento ao diálogo, na qual pude repensar as teorias estudadas e compreender a sua essência. Neste dia a aluna chegou

arredia dentro da sala de aula e, antes mesmo que eu a questionasse, ela olhou para mim e disse que não me aproximasse dela, pois nada estava bom e que, portanto, não realizaria nenhuma atividade.

Estava auxiliando um de seus colegas, naquele momento ele me disse, “hoje vai ser difícil, quando ela usa drogas”, me apeguei a esta frase dita, entretanto, não sei afirmar se ela usava ou não drogas, a questão é que ela se retirou de sala de aula. Quando notei a ausência dela em sala de aula, contatei os demais colegas que iria me retirar de sala de aula e, encontrei a aluna chorando no refeitório. Houve aproximação e na tentativa de estabelecer um diálogo para saber o que se passava, tinha que, portanto, minimizar o choro, portanto como caminho de diálogo, perguntei se a culpa era minha, fiz alguns comentários colocando a culpa em mim, mas somente depois de conseguir tirar alguns sorrisos tímidos, iniciamos um processo onde ela falava e eu escutava.

O processo de escuta foi muito mais do que eu imaginava ter, até então pensava ser coisa mínima, corriqueira, mas fiquei diante de uma jovem que relatou sua história de vida, da infância até o momento que provocou as lágrimas. Enquanto educadora naquele momento, por alguns segundos não sabia como ajudá-la, não sabia o que dizer, mas a única certeza que eu tinha, queria poder ter mais tempo suficiente em sala de aula, para que pudesse ajudá-la a encontrar caminhos para transformar a realidade vivenciada por ela. Foram minutos valiosos, na medida em que a ouvia, seu olhar e suas palavras expressavam querer uma mudança, entretanto, as condições sociais e a realidade vivenciada por ela, era ainda um impeditivo para que isso acontecesse.

Não era somente o fato de não ser alfabetizada que intrigava e que me levou a ter um olhar atento a ela, mas naquele momento eu estava perante uma jovem que tinha vivenciado coisas que eu nunca vivenciei, ela tinha mais conhecimento de mundo do que tinha uma história de vida que me provocou naquele momento “raiva” da sociedade por excluir muito mais esses jovens, do que de fato incluí-los. O olhar desatento que a professora regente tinha dos alunos se destacou naquele momento, porque elas assim como os demais da sociedade não apresentavam a aquela menina, caminhos como possibilidade de transformação social.

Embora o estágio seja realizado em pouco tempo, impossibilitando vivenciar a escola em sua totalidade cotidiana, na realização deste estágio, aproveitei cada momento e, com aquela aluna utilizei a única ferramenta como caminho para ajudá-la, o diálogo. Naquele momento eu realmente queria poder fazer a diferença na vida daquela aluna e poder ajuda – lá, nós enquanto educadores têm a oportunidade de fazer a diferença na vida de cada aluno. Aquela aluna mudou a minha visão de mundo, das diferentes realidades vivenciadas e da concepção do educador educando.

Temos necessidade de empreender ações capazes de, nas brechas da formalidade de uma escola promover o tempo e o espaço como qualificação da vida e da dignificação dela. A escola é mais do que uma instituição de ensino, ela veicula sínteses históricas necessárias, necessitando irromper um novo sujeito da educação. O que constitui a práxis educativa neste processo é a capacidade de refletirmos uma ação transformadora, visando um ensino com caráter qualitativo.

As atividades desenvolvidas no decorrer do estágio, visou proporcionar aos alunos uma melhor compreensão dos significados das palavras, escrita e leitura, de adquirir conhecimentos, uma vez que, trabalhamos com escrita de palavras usufruindo dos espaços escolares e de várias atividades e brincadeiras que os motivaram, vivenciando praticas pedagógicas do processo de ensinar e aprender, podendo assim, construir seus saberes nas diferentes práticas pedagógicas. De acordo com Domingues (2017, p.393, grifo nosso):

Não podemos querer uma educação da infância (EJA), mas sim, uma infância (EJA) à Educação. Que leve em consideração todas as especificidades da infância. As experiências e mudanças. Não é apenas importar com o vir a ser, com o seu potencial, mas sim, com o que o sujeito realmente é. De resto, a criança (Jovens e Adultos) possa naturalmente criar e inventar novas maneiras de experimentar e reinventar o mundo, o meio que ela se encontra. (Id, grifo nosso)

Através dos diversos textos trabalhados foram feitas atividades com coleção de palavras e seus significados, sempre com a mediação dos estagiários. Assim sendo, objetivou-se trabalhar com práticas voltadas para as diversas leituras, de diferentes gêneros textuais, pois cada gênero textual possui uma forma diversificada de ler e interpretar.

Para Solé (1998) a leitura envolve diversos fatores, não é apenas a capacidade de decifrar códigos escritos, é também a capacidade de compreensão do que está lendo, assim

sendo é necessário que a pessoa possua a habilidade de decodificação da escrita juntamente com a compreensão do que está lendo, não basta apenas ler deve saber compreender.

Após a compreensão dessa leitura, os educandos respondem a algum questionamento oral referente à história lida, de modo que utilizam a escrita para fazerem uma interpretação do texto lido, essa atividade requer um acompanhamento individual de alguns educandos, visto que, há uma grande dificuldade no momento da leitura e da interpretação do texto escrito.

O texto é o meio em que o aluno aprende a produzir e a interpretar as diversas situações da escrita, segundo o PCN (1997, p. 24) “um texto não se define por sua extensão. O nome que assina um desenho, a lista do que deve ser comprado, um conto ou um romance, todos são textos”, para ser texto não precisa necessariamente ser escrito, ele pode ser verbal e não verbal, existem diversos tipos de texto, haja vista que todo e qualquer texto pertence a um determinado gênero, assim sendo, texto pode ser uma lista de compra, uma receita de bolo, um conto, entre outros.

De acordo com o PCN (1997) O trabalho com leitura tem o intuito de formar leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores competentes capazes de produzirem e interpretarem diferentes textos, pois a leitura é fundamental para a produção de bons textos. Para que o professor consiga formar leitores competentes ele precisa trabalhar com a diversidade textual, pois vivemos em uma sociedade letrada e constantemente nos deparamos com diversas leituras e os estudantes precisam conhecer essa variedade de gêneros textuais, daí a importância do professor fazer essa mediação, de modo a trabalhar essas diversas leituras juntamente com a interpretação desses textos.

O aluno não pode ser visto como um papel em branco que posteriormente será preenchido, mas como um ser que carrega uma história, que já tem conhecimento advindo de suas experiências de vida. Dessa forma, a aprendizagem necessita ser compreendida como uma continuidade daquilo que o aluno já traz enquanto conhecimento de mundo. Quanto o conhecimento que os alunos trazem de seu cotidiano e os raciocínios que desenvolva ao resolver uma atividade é aproveitado como alavancas para o ensino contribuíram para os aprendizados reflexivos da leitura e da escrita, dos usos da língua e

para a formação de significados, avaliando o que sabem para direcionar o próximo desenvolvimento (Vygotsky, 1998).

Com as atividades desenvolvidas em sala de aula enfocou-se o trabalho das dificuldades tanto do coletivo quanto do individual. Não existem receitas infalíveis para se ensinar e aprender, mas é possível construir junto com o aluno, a partir de pressupostos teóricos e empíricos, o conhecimento epistemológico.

Em contexto de ensino, com abordagens de reflexão-ação sobre os problemas detectados, em equipes com professores que se empenham na investigação e resolução dos problemas que delineiam hipóteses de solução e avaliam a sua consistência e resultados e que, em todo este processo, aprendam a ser professor, porque refletem sobre a sua vivência profissional e os problemas que essa mesma prática lhes coloca (ALARCÃO e TAVARES, 2004, p. 19).

Segundo Cagliari (1999), o professor precisa ser um mediador da aprendizagem dos estudantes, mas não um mero mediador que apenas constata o que o estudante fez ou deixou de fazer, e sim, um mediador que faz uma mediação entre o próprio estudante e o conhecimento, estabelecendo, uma ligação entre ambos.

É justamente esta ligação que buscamos realizar, uma vez que o professor é de suma importância durante esse processo de ensino- aprendizagem, assim sendo ele tem que ser um mediador durante a aprendizagem dos estudantes. Embora, o acontecimento da aluna, tenha sido o destaque desta experiência, foi neste espaço de mediação de desenvolvimento da atividade de leitura e escrita, que foi possível este olhar atento para sua historicidade.

Educar é acima de tudo a inter-relação entre os sentimentos, os afetos e a construção do conhecimento. Segundo esse processo educativo, a afetividade ganha destaque, pois acreditamos que a interação afetiva ajuda mais a compreender e modificar o raciocínio do aluno. No nosso planejamento de aula planejamos as aulas dinâmicas mais alegres e interessantes, fazendo que os alunos se mantenham mais próximo, criando com isso afetividade e o carinho que são necessários para a educação. O adulto assim como a criança necessita de estabilidade emocional para desenvolver a aprendizagem. O afeto pode ser uma maneira eficaz de aproximar o sujeito, fortalecendo a relação professor- aluno, ajudando a enriquecer processo de ensino – aprendizagem. Enquanto o educador dar ênfase

ás metodologia que alicerçam as atividades lúdicas, percebe-se um maior encantamento do aluno, pois se aprende brincando.

Por tanto, cabe ao educador criar um ambiente que reúna os elementos de motivação para a aprendizagem. Criar atividades que proporcionam conceitos que preparam para a leitura, escritas interpretação de textos, os números, conceitos de lógicas que envolvem classificação, ordenação, dentre outros, está o hábito pela leitura, a família e professores têm um papel fundamental nesse processo, fazer com que os educandos passem a ter o gosto pela leitura, fazer com que a leitura se torne um hábito e que as crianças sintam prazer no ato de ler.

Na educação de adultos cabe ao educador desenvolver a prática de um método crítico, que possibilite ao aluno o desenvolvimento de sua consciência crítica, capaz de ler e refletir sobre a sociedade em que vive. É evidente que o adulto em formação, não é um ser desprovido de saber, ele não é alfabetizado, porém é um ser dotado de conhecimento de mundo, é neste sentido um ser letrado.

Deve-se partir dos elementos que compõem a realidade autêntica do educando, as relações estabelecidas, crenças, valores, gostos artísticos, gíria, etc. A prática pedagógica, requer um reconhecimento por parte do educador, para que a letramento seja valorizado no processo de mediação da alfabetização. No mesmo contexto discursivo compreende-se que as possibilidades para que os alunos possam desenvolver suas ações, caminham na direção da apropriação de formas simples em perceber a leitura como prática social, natural ao seu cotidiano. Nesse contexto, aponta-se a construção do pensamento pelo sujeito, como categoria material concreta que antecede o aparecimento da linguagem, que por sua vez produz as condições subjetivas para aquisição da leitura e da escrita.

A leitura segue sendo a principal forma de se construir opiniões próprias, de ter-se embasamento necessário para toda e qualquer atividade ou área. E precisa-se ressaltar também a leitura com lazer, um hábito que dá prazer ao ser humano. O acréscimo de conhecimento está intrinsecamente ligado á construção do senso crítico, do modo de se portar perante o mundo, e tal atitude leva à personalidade original de cada um, forte marcante e única.

Conclusão

As experiências vivenciadas no processo da formação docente, por meio do estágio curricular, possibilitam a análise e compreensão do fazer pedagógico. Nesse contexto pode-se conhecer os desafios que permeiam o âmbito escolar, que ao serem elencados denotam a fragilização da qualidade na área da educação. Acredita-se que na investigação é importante considerar as práticas de leitura e de escrita como elementos significativos para ampliar a compreensão, sob o objeto de planejamento proposto. A prática da leitura e escrita faz-se presente em todos os ambientes escolares, em forma de cartazes, murais entre outras coisas.

Considerando os estudos para realização deste artigo, descobrimos que a alfabetização é um processo que se desenvolver a partir da análise e reflexão que o aluno faz sobre a língua, não há muito que inventar em relação à situação de ensino e aprendizagem, pois a atividade específica de reflexão sobre o sistema de escrita, como já se discutiu em vários momentos, devem basicamente se construir em contextos de uso dos conhecimentos que os alunos possuem, de análise das regularidades da escrita, de comparação de suas hipóteses com a dos colegas e com a escrita convencional, de resposta a desafios, de resolução de problemas. O processo de ensino e aprendizagem na escola deve ser construído, então tomando como ponto de partida o nível de desenvolvimento real do sujeito em formação, num dado momento e com sua relação a um determinado conteúdo a ser desenvolvido, e como ponto de chegada os objetivos estabelecidos, supostamente adequados ao nível de conhecimentos e habilidades de cada grupo. O percurso a ser seguido de desenvolvimento potencial.

O percurso a ser seguido nesse processo estará demarcado pelas possibilidades de aprendizagem do adulto, isto é, pelo seu nível de desenvolvimento potencial. Enfim tivemos a todo o momento ao lado do aluno, acompanhando seu desenvolvimento, para levantar problemas que o leve a formular hipóteses. Nas atividades realizadas em sala de aula: leituras, interpretação de texto brincadeiras adequadas para o momento e atividade desenvolvida, tinha como objetivo proporcionar o desenvolvimento e a aquisição de conhecimentos em todos os aspectos.

As atividades planejadas foram realizadas com sucesso e aceitas com entusiasmo pelos alunos. De modo geral, satisfação é a palavra que define o estágio. Podemos aprender

e também aplicar juntamente com os colegas o que havia apreendido em sala de aula, desde a forma do planejar uma aula e a sua aplicação. O planejamento consiste em organizar as ações do professor no seu dia-a-dia, entretanto, deve ser flexível e, estar em aberto para possíveis mudanças de acordo com a curiosidade do aluno, e até mesmo pelo desenvolvimento das atividades. Acredito que o estágio possibilitou compreender o tipo de profissional no EJA, na sua efetiva prática.

Contudo o resultado dessa experiência foi positivo para mim, pois conseguimos desenvolver as atividades planejadas com facilidade e precisão. Fomos bem recepcionadas pela escola, pela professora e pelos alunos. Contamos com a colaboração da professora responsável, e nossas ideias foram bem aceitas, nos dando liberdade para poder aplicar atividades diferenciadas.

Referências Bibliográficas

ALARCÃO, Isabel e TAVARES, José. **Supervisão da prática pedagógica: uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem**. 2a edição. Coimbra: Almedina, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. - Brasília: MEC/SEF, 1998, volume: 1 e 2.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO: Secretária de Educação Fundamental. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**. Brasília, 1997

CAGLIARI, Gladis Massini. **Diante das letras: a escrita na alfabetização**. Campinas, SP: Mercado de Letras: ALB; São Paulo, 1999. P217-226.

CUNHA, M. A. A. **Literatura e educação**. In: Literatura infantil: teoria e prática. 16a ed. São Paulo: Ática, 1997.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

DOMINGUES, J. M.. **Devir-criança e seu significado da educação na infância**. In: V Seminário Internacional de Pesquisa com o tema: dimensões da privatização na Educação

Básica, 2017, Ribeirão Preto. Grupo de Estudos e Pesquisa em Política Educacional, Ribeirão Preto: USP, 2017. v. I. p. 388-393.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**, 24a ed. São Paulo: Cortez, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. Olho

d'água, São Paulo: 1997. Disponível em:

<http://www.pedagogia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/pensadores/professorasim_tianao.pdf>

Acesso 18/08/2013.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARQUES, Mario Osorio. **A formação do profissional da educação**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1992.

NÓVOA, Antonio. **Imagens do futuro professor**. Lisboa.ISBN.2009.

OLIVEIRA, Vera Barros de (org). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições Sobre Educação de adultos**. Cortez, 1909.

Revista Maringá Ensina no 10 – fevereiro/abril 2009. **A importância da formação lúdica para professores de educação infantil**. Rúbia Renata das Neves Gonzaga. (p. 36-39).

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

VYGOTSKY, L.S; LURIA, A.R. & LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

ZANLUCHI, Fernando Barroco. **O brincar e o criar: as relações entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e Educação**. Londrina: O autor, 2005.